

“OS HOMENS LOUCOS POR SUA LÍNGUA” E A SEXUALIDADE TRANSFORMADA EM TEXTUALIDADE

Kátia Menezes de SOUSA
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Km-sousa@uol.com.br

Em “Os homens loucos por sua língua”, Pêcheux (2004) fala da língua como ponto de fixação da lingüística moderna, afirmando que, por amor, alguns estudiosos se tornam “loucos pela língua”. Segundo o autor, há duas formas de demonstração desse amor: amor pela língua materna e amor pelas gramáticas lógicas e línguas artificiais. Na primeira forma, a loucura é traduzida por lingüistas que colocam a língua materna como fonte em que se nutre a lingüística. Explicando metaforicamente esse apego à língua-mãe, Pêcheux (2004, p. 45) ironiza:

Então o simbólico faz irrupção diretamente no corpo, as palavras tornam-se peças de órgãos, pedaços do corpo esfacelado que o ‘logófilo’ vai desmontar e transformar para tentar reconstruir ao mesmo tempo a história de seu corpo e a da língua que nele se inscreve.

Na outra forma de amor, há uma loucura pelos enunciados, pelas frases e pela sintaxe. Segundo Pêcheux (2004, p.47), há uma “tentativa de dominar ‘racionalmente’ o corpo do pensamento, com a ajuda de uma língua ideal toda poderosa”. Há um desejo de uma língua universal, protegida das falhas das línguas naturais.

Com base na preocupação de Pêcheux, nos aventuramos a pensar a relação dos indivíduos com sua língua e seu corpo na sociedade atual e, mais especificamente, na Internet. Elegemos para essa reflexão os sites de sexo virtual por acreditarmos que, nesse espaço, língua e corpo se relacionam na constituição das práticas que configuram esse tipo específico de relacionamento virtual. O estudo que aqui se apresenta parte da hipótese de que a comunicação virtual frustra, mais uma vez, o desejo da língua ideal e universal e, como em outros espaços de uso da língua, exige a mobilização de saberes apreendidos no real, com suas falhas e equívocos. Pode ser que o amor de que fala Pêcheux seja uma forma de mascarar o temor de ter de “entrar na ordem arriscada do discurso”.

Apesar do caráter estável da linguagem da informática, que elimina o ambíguo e a possibilidade da falha, ao ser colocada em rede no espaço virtual, sua fixidez abre possibilidades de estabelecimento de sentidos diferentes, confirmando o fato de que o lugar da relação do sujeito com a língua é o espaço constituído pela história que permite

certos movimentos de interpretação. Assim, da estabilidade irrompe o instável da língua e dos sujeitos na história.

Ao tratar da irrupção do equívoco no real, Pêcheux (2004, p. 64) esclarece que “as massas ‘tomam a palavra’, e uma profusão de neologismos e de transcategorizações sintáticas induzem na língua uma gigantesca mexida”. Dessa forma, o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (o lingüístico) vem aliar-se à contradição, que é histórica. Assim, o equívoco é o ponto em que a língua atinge a história.

Ainda na tentativa de elaboração de nossa hipótese, especulamos que a Internet, com suas salas de bate-papo destinadas ao sexo virtual, lança uma nova configuração da língua que, apoiada na realidade histórica, constrói virtualmente sentidos que criam sensações no corpo e o transforma em não-corpo, quando substituído pelo mental que o recorda. Trata-se do corpo tomado como máquina e da proliferação de tecnologias para investir sobre o corpo, que passa a exigir muito do indivíduo.

Nesse sentido, a noção de hiperlíngua apresentada por Auroux (1997) nos dá subsídios para pensarmos essa nova relação espaço-temporal constituída pelo contato entre pessoas no mundo virtual. Segundo o autor, a hiperlíngua é o espaço-tempo da intercomunicação humana estruturado pelos objetos e pelos sujeitos que o ocupam. A Internet seria um artefato da hiperlíngua, introduzindo novos objetos e novas formas-sujeito no espaço-tempo e operando mudanças na estrutura da hiperlíngua. Assim, o que tem história é a hiperlíngua e não a língua gramatical. O sonho da homogeneização e da higienização da língua parece ficar cada vez mais distante, pois, mesmo com a padronização da linguagem da informática, o uso real da língua no universo virtual não pode ser controlado por técnicas de universalização, já que “é impossível aprender a falar uma língua sem aprender a se movimentar numa hiperlíngua” (AUROUX, 1997, p. 248). Mesmo se tratando de um sistema estático, os sites da Internet exigem movimentos de interpretação que se ligam à realidade construída nas relações dos sujeitos com os discursos que os constituem. Sendo os discursos da ordem do acontecimento, eles transformam a estrutura da hiperlíngua. Podemos pensar que as novas configurações da hiperlíngua desenvolveram nos sujeitos um apego maior à língua, quando seus corpos, após um processo de higienização, foram transformados em textos no espaço-tempo virtual.

Os sentidos atribuídos ao corpo não são garantidos pela troca de mensagens na rede de comunicação, mas pela elaboração coletiva que coloca em comum não somente

os textos, hipertextos, como também as redes de associações, de anotações e de comentários no interior das quais eles são apreendidos uns em relação aos outros (AUROUX, 1997). O hipertexto é uma elaboração coletiva que exige o domínio de como se situar numa hiperlíngua específica.

As salas de bate-papo, por exemplo, são divididas em grupos que podem ser acessados conforme o interesse do internauta: idade, tema livre, variados, encontros, sexo, vídeos e imagens eróticas. O grupo analisado para este estudo é o de sexo. Nele encontramos subgrupos como: virtual, heterossexuais (a dois), gays e afins, bissexuais, lésbicas e afins, seguro, amantes, casais, descasados, fetichismo, gordinhas, transsexuais, travestis, sadomasoquismo, outros idiomas. As denominações dos subgrupos nada têm a ver com os significados das palavras no dicionário, mas com as regras sociais constituídas historicamente nas práticas discursivas e não-discursivas da sociedade. A escolha de um grupo ou outro já indica um certo posicionamento do sujeito que pode escolher, mas escolher dentro do já estabelecido pelos enunciados que circulam na atualidade e que favorecem um determinado tipo de padronização de grupos para a prática do sexo.

A intercomunicação nesse espaço-tempo virtual, que passa a ser real assim que o sujeito navega com outro sujeito por meio da língua apreendida no real, exige também um trabalho da memória discursiva, configurando-se num movimento de interpretação de toda a situação que envolve o sexo virtual e o real. A hiperlíngua construída interdiscursivamente entrelaça as fronteiras que separam o virtual do real. As identificações que o sujeito pode realizar se baseiam nos valores agregados às palavras em seu uso real. O virtual fica restrito à realização dos desejos ocultados pelos discursos que estabilizam as práticas de contato corporal dos indivíduos. Ao mesmo tempo em que o sujeito se sente realizado em suas fantasias mais secretas, também ele se livra da culpa por infringir certas regras da sexualidade inculcadas por outros discursos, como o religioso, o familiar, o científico, o midiático etc.

Se, para os lingüistas criticados por Pêcheux (2004), as palavras deveriam ser cortadas em pedaços como um corpo esfacelado, para os internautas que navegam pelas salas de sexo, as palavras dão a completude dos corpos, reconstituem pela memória discursiva o corpo idealizado para proporcionar prazer. A idealização é desejada na padronização dos corpos e não da língua.

A logofilia sugerida por Pêcheux em “Os homens loucos por sua língua”, para falar da tentativa da lingüística da época em excluir o diferente, alcançou, na sociedade

atual da informação, os corpos das pessoas. Contudo, podemos analisar como Foucault, em *A ordem do discurso*, que, sob essa aparente veneração do discurso, sob essa logofilia, esconde-se uma espécie de temor, uma logofobia. O autor (1998) analisa que, em nossa sociedade, a idéia da existência de uma logofilia deixa entrever que houve uma tentativa de apagamento das marcas de irrupção do discurso nos jogos do pensamento e da língua, quando o que houve foi uma espécie de temor dos acontecimentos, das coisas ditas de fato, do surgimento de certos enunciados. Apagar esse temor não é a questão para Foucault, mas trata-se de analisá-lo em suas condições, seu jogo e seus efeitos. Para isso, seria necessário “questionar nossa vontade de verdade, restituir ao discurso seu caráter de acontecimento e suspender a soberania do significante” (FOUCAULT, 1998, p. 51).

Defendemos, assim, que há um temor do discurso sobre o corpo que tenta discipliná-lo não mais como forma de punição, como demonstrou Foucault (1987) em suas análises da sociedade disciplinar, em *Vigiar e punir*, mas como forma de controle da população, que deve buscar a longevidade e o bem-estar físico e mental a qualquer custo. Na História da sexualidade I, Foucault (2001) mostra que o poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, centrando-se primeiro no corpo como máquina, com vistas no crescimento de sua utilidade e docilidade. No segundo momento, por volta do século XVIII, o poder centrou-se no corpo-espécie mediante uma série de intervenções e controles reguladores: uma bio-política da população.

Foucault (2001) fala em bio-política para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana. Com o desenvolvimento do biopoder, há uma proliferação das tecnologias políticas que vão investir sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida. A atuação da norma e do sistema jurídico da lei assume importância crescente, constituindo uma sociedade normalizadora, que é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida. Um poder dessa natureza, segundo o autor, tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar; não separa os súditos obedientes dos inimigos do soberano, mas opera distribuições em torno da norma.

Sobre esse pano de fundo, Foucault (2001) aponta a importância assumida pelo sexo por fazer parte das disciplinas do corpo e por pertencer à regulação das populações devido aos efeitos globais que induz. Nesse sentido, o sexo é acesso à vida do corpo e à vida da espécie, e a sexualidade é objeto e alvo, é provocada e temida, é efeito com

valor de sentido. Foucault ainda argumenta que a sociedade contemporânea é uma sociedade do sexo, de sexualidade, que longe de ter sido reprimida, está sempre sendo suscitada, pois a sexualidade encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações.

Pensando a sexualidade como um dispositivo nos termos de Foucault, é instigante analisar, na atualidade, os discursos que constituem o sexo como prática. Fazer uma história da sexualidade permitiu a Foucault a compreensão da relação poder-saber em sua atualidade, contudo, hoje, a nossa atualidade apresenta transformações nas quais ele não havia pensado, mas a sua análise contribui para que possamos discutir a sexualidade dentro de uma sociedade como a que temos.

Podemos dizer que a sociedade do controle, do biopoder, ganhou contornos sofisticados com os dispositivos de informação instantânea e de valorização da visibilidade das ações e dos corpos dos indivíduos. Falando de uma modernidade líquida, fluida para se referir ao nosso tempo, Bauman (2001) analisa a fluidez dos laços sociais, mostrando a existência de um esforço para manter à distância o “outro”, o diferente, o estranho, o que coaduna com a preocupação contemporânea obsessiva com poluição e purificação, com a tendência de ver perigo para a segurança corporal com a invasão de corpos estranhos e de identificar a segurança não-ameaçada com a pureza. A idéia de higienização desenvolvida com as técnicas do biopoder ganha importância maior com a possibilidade de mudança de referência para o espaço e o tempo.

Foucault (1999), em um de seus cursos, que foram reunidos na obra *Em defesa da sociedade*, coloca a sexualidade na encruzilhada do corpo e da população, como dependente da disciplina e da regulamentação que se dá por meio de mecanismos capazes de garantir “sistemas de seguro-saúde ou de seguro velhice; regras de higiene que garantem a longevidade ótima da população; pressões que a própria organização da cidade exerce sobre a sexualidade, portanto sobre a procriação; as pressões que se exercem sobre a higiene das famílias; os cuidados dispensados às crianças, etc.” Com as novas tecnologias de informação e de comunicação, assistimos a um acirramento dessas preocupações. Com a mudança referencial do tempo e do espaço, os cuidados com o corpo e com a vida puderam ser levados a uma eficiência obsessiva. Com a modernidade leve e o capitalismo de *software*, como qualifica Bauman (2001), a irrelevância do espaço é disfarçada de aniquilação do tempo. A quase-instantaneidade do tempo do *software* anuncia a desvalorização do espaço. A diferença entre o longe e o

perto é cancelada, pois “o espaço pode ser atravessado, literalmente, em tempo nenhum” (BAUMAN, 2001, p. 136).

Levando-se em consideração as formas de comunicação implementadas no espaço virtual das salas de relacionamento sexual, é possível a afirmação, já que as hiperlínguas não possuem uma mesma estrutura, que estamos diante de uma nova estrutura de hiperlíngua, logo de espaço-tempo. Os acontecimentos possibilitados pelas tecnologias de acesso à informação mudaram a estrutura da hiperlíngua, mas não a dizimaram, pois, de acordo com Auroux (1997, p. 247), “em qualquer situação, ela é esta realidade última que engloba e situa toda realização lingüística e limita concretamente toda inovação. Se os sujeitos não se compreendem, não há hiperlíngua”.

Podemos dizer que, mesmo com a irrelevância do espaço frente à instantaneidade temporal, a intercomunicação na Internet se dá num espaço-tempo estruturado. Assim, acreditamos que seja importante compreender as práticas discursivas e suas motivações desenroladas nesse espaço-tempo.

Nas salas de bate-papo destinadas a sexo, como já citado anteriormente, há subgrupos que representam, no mundo virtual, as possibilidades de tipos de relacionamentos aceitos e não-aceitos na sociedade real. As salas oferecem sexo como produto de consumo para atender as mais variadas preferências; oferecem a possibilidade de realização de desejos que nem sempre podem ser satisfeitos no mundo real, pois são censurados com base em verdades construídas por saberes validados. Assim, é possível que o internauta consuma um produto de um departamento destinado a heterossexuais, gays, descasados, lésbicas, fetichismos etc., não precisando dividir esse espaço com outras pessoas de seu convívio, sem ter qualquer interação real. Conforme Bauman (2001, p. 114), “esses lugares encorajam a ação e não a interação [pois] a tarefa é o consumo, e o consumo é um passatempo absoluta e exclusivamente individual, uma série de sensações que só podem ser experimentadas – vividas – subjetivamente.” Utilizando a expressão de Althusser, Bauman ainda diz que entrar nesses espaços de consumo é ser interpelado enquanto indivíduo, chamado a suspender ou romper os laços e descartar as lealdades. Lealdade, pode-se pensar, a certas funções do sexo construídas historicamente.

Em um texto escrito em 1967, Foucault (2001) já dizia que sua época atual era a do espaço simultâneo, com o mundo se experimentando como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. Parece que o desenrolar das práticas que levariam à solidificação da globalização já o permitia pressentir um mundo futuro conectado em

rede de comunicação instantânea. Nesse texto, Foucault analisa que o espaço já foi de localização, depois de extensão e finalmente passa a um espaço de posicionamento. Este é o motivo de inquietação, muito mais que o tempo, pois “o tempo só aparece como um dos jogos de distribuição possíveis entre elementos que se repartem no espaço” (FOUCAULT, 2001, p. 413). Contudo, ele mostra que o espaço do posicionamento ainda é sacralizado, pois há oposições intocáveis, que continuam como inteiramente dadas: o espaço privado e o espaço público, o espaço da família e o espaço social, o cultural e o útil, o do lazer e o do trabalho.

A análise de Foucault permite-nos dizer que as comunidades virtuais de sexo, de comunitário, não têm nada, pois seu espaço marca e acentua a oposição entre o individual e coletivo, o permitido e o proibido, o sagrado e o profano, o puro e o pervertido. Essas diferenças tão bem definidas no mundo real e, por isso, mantenedoras de preconceitos, são amansadas, higienizadas no espaço purificado do mundo virtual. Podem ser vividas sem medo, pois, parafraseando Bauman (2001), o risco da aventura é eliminado e o que sobra é divertimento, sem mistura ou contaminação. Esse espaço oferece o que nenhuma realidade real poder dar: o equilíbrio entre liberdade e segurança. Segundo o autor, há ainda a impressão de fazer parte de uma comunidade, de estar junto a alguém, mas esse estar junto quase nunca acontece na vida real. Um estar junto definido pela semelhança por pertencer a um mesmo grupo oferecido como produto de consumo, que não apresenta problemas, não exige esforço e nem vigilância.

Para atender os diferentes desejos de sexo, a rede conectada seduz os grupos pelas mesmas atrações, une seus navegantes, por meio de uma fabricação de experiências, num sentimento de identidade: somos gordinhas, somos sadomasoquistas, somos bissexuais, e assim por diante, conforme a construção de novas categorias.

Explicando o espaço do posicionamento, Foucault (2001) o divide em dois grupos: as utopias e as heterotopias. As utopias são os posicionamentos sem lugar real, e as heterotopias são posicionamentos reais. Um dos traços da heterotopia é ter uma função em relação ao espaço restante. Essas heterotopias podem criar um espaço de ilusão dentro do espaço real, como a compartimentalização da vida humana, ou podem criar um outro espaço real, perfeito, meticuloso, arrumado, apontando para a desorganização e confusão do nosso espaço. Para ele, essa heterotopia não é de ilusão, mas de compensação. As comunidades virtuais de sexo parecem criar essa última forma de heterotopia, pois permitem que tudo funcione bem, sem que as identidades criadas sejam contrariadas.

Observando o interior das salas dos diferentes grupos de sexo, é possível perceber que os apelidos escolhidos pelos visitantes para identificação são bastante sugestivos e representam as imagens construídas no imaginário coletivo. Percebemos, neste ponto, a relação da escolha dos nomes com outros enunciados constantes nos filmes pornôs, nas revistas masculinas, o que, além de contribuir para a perpetuação de certas crenças discriminatórias, satisfaz a vontade de construção de outra identidade sexual para o visitante. No espaço virtual, as pessoas podem ser viris, fortes, musculosas, avantajadas em algumas partes do corpo, casadas, solteiras, morenas, loiras, executivas, militares, doces, serenas, machões, femininas, delicadas, sinceras, cretinas etc., conforme o grupo visitado e os estereótipos que constituem as fantasias do que significa fazer sexo com categorias já dadas como desejáveis. A compensação ocorre duplamente: ter o que deseja e ser objeto do desejo do outro.

Esse desejo incide sobre o corpo idealizado, que, ao mesmo tempo em que é valorizado, controlado e higienizado, é também descartado, substituído pela máquina. Breton (2003), analisando as práticas atuais em torno do corpo, o vê como algo excedente, transformado em fardo que deverá ser descartado. Para ele, os corpos se dissolvem quando conectados ao ciberespaço, pois o cibernauta sai da prisão do corpo e entra num mundo de sensações digitais, explorando, sob diferentes identidades, um mundo imaterial. Ali, não importam sua idade, seu sexo, se está doente, se é deficiente, pois ele é livre para mover-se à vontade em um universo de dados. No espaço virtual,

o sujeito libera-se das coerções da identidade, metamorfoseia-se, de forma provisória ou permanente, no que ele quer, sem temer que o real o desminta. [...] ele é o que pensa quando está conectado a um universo onde os outros são jogadores assim como ele. Não há mais o risco de ser traído ou reconhecido por seu corpo. A rede favorece uma pluralidade de 'eus' [...]. A identidade é uma sucessão de 'eus' provisórios, um disco rígido que contém uma série de arquivos que podem ser acessados ao sabor das circunstâncias (BRETON, 2003, p. 130).

A possibilidade de construção de diferentes identidades sem a necessidade de possuir um corpo comprova a tese de Foucault de que a sociedade contemporânea é marcada por um poder controlador que funciona por meio de mecanismos de regulação da vida, o biopoder. As exigências de ter prazer, beleza, saúde, higiene incidiram diretamente sobre o corpo, habilitando as práticas de uma pedagogia higiênica do espetáculo do corpo (SOARES, 2006). Com isso, ele é coagido a ser cada vez mais saudável, jovem, belo, capaz de proporcionar prazer, o que “acaba provocando uma vontade crescente de resgatar esse corpo, adulá-lo e protegê-lo, fornecendo-lhe quase a

mesma importância e os mesmos cuidados outrora concedidos à alma” (SANT’ANNA, 2005, p. 99).

O excesso de zelo e preocupação com o corpo, como ocorre na atualidade, e o desenvolvimento da informática podem levar esse mesmo corpo a viver uma situação oposta e ser definitivamente anulado. A atual preocupação excessiva com a defesa do corpo, a sua separação do perigoso mundo exterior, a busca ansiosa de sua imortalidade estão se tornando motivo de exaustão que se volta contra o mesmo corpo. Enquanto isso, o universo virtual promete livrá-lo dos perigos, sem que o sujeito deixe de ter identidades e prazeres. O preço pode ser a solidão, mas esta é compensada pela utopia do mundo virtual. Conforme Bauman (2001), a nova primazia do corpo se reflete na tendência a formar a imagem da comunidade no padrão do corpo idealmente protegido, a colocá-lo como uma entidade homogênea e harmoniosa, a isolá-lo da exterioridade estranha e suja, envolvendo-o numa armadura impenetrável. Assim, “a nova solidão do corpo e comunidade é o resultado de um amplo conjunto de mudanças importantes subsumidas na rubrica modernidade líquida” (BAUMAN, 2001, p. 211).

Para viver nessa comunidade, o rosto já é algo totalmente descartável. Nas práticas de sexo virtual, alguns dispositivos foram surgindo e sendo acoplados ao computador e à Internet, possibilitando um contato maior entre os parceiros. Até pouco tempo, conforme relato de alguns internautas, o encontro entre os parceiros de sexo virtual se dava somente na própria sala destinada a essa prática. Com a chegada de novas formas totalmente reservadas de bate-papo *online*, como o MSN, e das Webcam, um encontro a dois (ou em grupo) se tornou mais privativo e ganhou a possibilidade da visualização, em tempo real, dos parceiros. Porém, segundo depoimentos de visitantes dessas comunidades, geralmente a câmara é colocada de forma a projetar para o outro apenas o corpo, um corpo sem rosto.

Assim, sem o rosto, o sujeito não corre risco de ser visto, não precisa assumir responsabilidades e pode possuir identidades voláteis. Mesmo podendo ver partes do corpo do outro, não se trata do corpo do outro, mas da imagem que não pode ser tocada, acariciada, estimulada pelo tato. O efeito no contato virtual é conseguido, de fato, pelos sentidos das palavras trocadas, que, segundo Breton (2003), estimulam o cérebro e recordam uma relação sexual real, fazendo lembrar o tátil convertido em digital, a pele substituída pelo teclado, a mão pelo mouse. A sexualidade virtual é real em sentido metafórico, pois provoca sensações, mas sem o contato com o Outro. Dessa forma, conforme o autor, ela se transforma em textualidade e dispensa o corpo, a excitação

verbal transmite-se a todo o corpo, como um terminal de prazer, fazendo com que, no sexo, o essencial seja o mental. Nessa relação sexual (ou textual), há a possibilidade de se criar personagens diferentes, de experimentar papéis proibidos na vida real e de dizer coisas que jamais poderiam ser ditas se acompanhadas do corpo real. O acontecimento de um ato sexual é textualizado em enunciados que devem ser capazes de reconstruir até mesmo os movimentos, as impressões e as sensações do corpo.

Mesmo com avanço inquestionável das tecnologias higienizantes do corpo, não podemos esquecer que há formas de resistência, tanto à anulação do corpo, acarretada pelas técnicas do mundo virtual, quanto à sua valorização excessiva com a obrigação dos cuidados. Mais uma vez, nos colocamos diante de uma aparente veneração, agora, do corpo, que esconde um temor por termos de carregá-lo e de mantê-lo conforme os padrões construídos.

O temor, de fato, refere-se aos discursos sobre o corpo, configurando na logofobia de que falou Foucault (1998, p. 50), pois há “uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso”.

O discurso impõe uma prática às coisas, as violenta, constrói contradições como as que presenciamos, quando, em nossa sociedade, somos impelidos a ter uma vida sexual ativa, mas, ao mesmo tempo, somos advertidos de que sexo pode causar doenças e até matar. Devemos buscar a prática sexual perfeita, prazerosa, mas devemos seguir certos critérios na seleção dos parceiros (há os grupos de risco) e usar preservativos em todas as práticas sexuais. Conforme Breton (2003), há um recuo da liberação sexual, e o puritanismo se uniu ao mito da saúde perfeita. “Existe o medo de pegar AIDS, e também o medo do sexo, simplesmente, medo de qualquer coisa que se assemelhe a paixão, a sedução, a responsabilidade” (BRETON, 2003, p. 135).

O temor de Pêcheux (2004) de que, por uma logofilia, a lingüística conseguisse construir uma língua universal, não se sustentou. Ele só não percebeu que a logofilia estava nele, quando comentou: “não faltam boas almas se dando como missão livrar o discurso de suas ambigüidades, por um tipo de ‘terapêutica da linguagem’ que fixaria enfim o sentido legítimo das palavras, das expressões e dos enunciados” (Pêcheux, 1997).

As “almas boas” de que ele fala, provavelmente, se apresentavam para fazer a higiene da linguagem porque tinham uma espécie de logofobia e não conseguiriam lidar

com a língua que induz a equívocos. Como ele próprio mostraria mais tarde, em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação das redes de memória e dos trajetos sociais, é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, de deslocamento no seu espaço. Refletindo sobre a instabilidade da linguagem, Pêcheux (2002, p. 53) vai reconhecer que nos espaços sociais, “as ‘coisas-a-saber’ coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de ‘saber do que se fala’, porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são o produto de uma aprendizagem: isto acontece tanto nos segredos da esfera familiar ‘privada’ quanto no nível ‘público’ das instituições e dos aparelhos de Estado”. Logo, a metalinguagem não existe.

Finalizando a discussão, acreditamos que podemos elaborar a seguinte consideração provisória: em sua relação com o sexo virtual, o sujeito se nutre de um amor pela sua língua, como mecanismo que lhe permite se situar na hiperlíngua do ciberespaço para textualizar seu corpo (e o do outro) e sua sexualidade. Contudo, esse apego apenas engana o medo imposto pelos discursos que insistem em colocar o sujeito nas fronteiras movediças de sua vontade de verdade, que deslocam os sentidos para fora do alcance daqueles que insistem em fixá-los.

Referências

- AUROUX, S. “A hiperlíngua e a externalidade de referência”, In: ORLANDI, E. P. (org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 1997.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRETON, D. L. “Adeus ao corpo”. In: NOVAES, A. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 2001.
- _____. “Outros espaços”. In: FOUCAULT, M. *Estética: literatura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (col. Ditos e Escritos III).
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PÊCHEUX, M. e GADET, F. *A língua Inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. “Ler o arquivo hoje”. In: ORLANDI, E. P. (org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 1997.

SANT'ANNA, D. B. "Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres". In: RAGO, M., ORLANDI, L. B. L. e VEIGA-NETO, A. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOARES, C. L. "Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. In: RAGO, M. VEIGA-NETO, A. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.